



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

AUDILENE DOMINGOS DA SILVA

**UMA VISÃO PRECONCEITUOSA SOBRE O NORDESTE SOB ANÁLISE EM
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

GUARABIRA - PB

2017

AUDILENE DOMINGOS DA SILVA

**UMA VISÃO PRECONCEITUOSA SOBRE O NORDESTE SOB ANÁLISE EM
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

GUARABIRA – PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586v Silva, Audilene Domingos da

Uma visão preconceituosa sobre o nordeste sob análise em morte e
Vida Severina de João Cabral de Melo / Audilene Domingos da Silva. –
Guarabira: UEPB, 2017.

24 p.

Artigo (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.”

1. Literatura Nordestina. 2. Seca. 3. Preconceito Geográfico.
4. Conteúdo Curricular. I. Título.

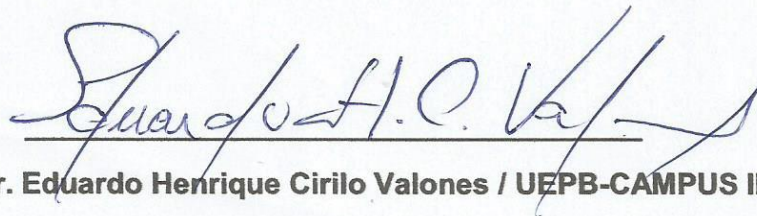
22.ed. CDD 869.09

AUDILENE DOMINGOS DA SILVA

**UMA VISÃO PRECONCEITUOSA SOBRE O NORDESTE SOB ANÁLISE EM
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

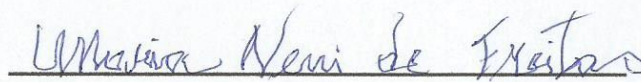
Aprovada em: 04/08/17

BANCA EXAMINADORA:



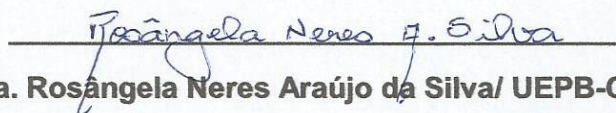
Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones / UEPB-CAMPUS III

Orientador



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas/ UEPB-CAMPUS III

Examinadora



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva/ UEPB-CAMPUS III

Examinadora

Ao meu querido avô Luiz Domingos
Teixeira "*In memoriam*", dedico. Raiz do
meu amor e exemplo de força, fé e
dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois é quem me dá forças para tentar ser melhor a cada dia, em seguida aos meus pais Marlene e Antônio por todo apoio que sempre me concedem para alcançar meus objetivos, dentre eles a conclusão do curso de Licenciatura plena em Letras. Também aos meus irmãos Aelson e Adagilson por todo incentivo, como também a toda minha família, minha fonte de amor e inspiração.

Ao meu querido orientador, Professor Eduardo Valones, por todo incentivo, compreensão, orientação, e por ter me guiado no desenvolvimento do meu projeto. Agradeço também aos demais professores que tive o prazer de conhecer ao longo do curso, e que me ajudaram a construir minha base acadêmica.

Aos meus colegas de curso, por compartilharmos todos esses dias de nosso percurso acadêmico. Em especial às minhas colegas Vanessa, Mayara e Gercyli por todo carinho e companheirismo no decorrer do curso. Também gostaria de agradecer ao meu querido amigo Rafael pelo incentivo e contribuições bastante válidas na construção deste artigo.

Também aos meus colegas de trabalho por toda compreensão dispensada a mim, neste período de conclusão de curso.

Agradeço a todos que me apoiaram e me ajudaram direto ou indiretamente, na realização de mais um sonho, a conquista do meu sonhado curso acadêmico de Licenciatura plena em Letras Português.

Obrigada!

“Somos muitos Severinos
Iguais em tudo na vida:
Na mesma cabeça grande
Que a custo é que se equilibra,
No mesmo ventre crescido
Sobre as mesmas pernas finas,
E iguais também porque o sangue
Que usamos tem pouca tinta.”
(JOÃO CABRAL DE MELO NETO)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 1. O MODERNISMO E O REGIONALISMO..... | 10 |
| 1.1 REGIONALISMO NORDESTINO E SUA RETRATAÇÃO DO NORDESTE.... | 10 |
| 1.2 SOBRE A REGIÃO NORDESTE..... | 11 |
| 1.3 A SECA..... | 12 |
| 2. MORTE E VIDA SEVERINA: AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO..... | 14 |
| 2.1 O AUTO REJEITADO..... | 14 |
| 2.2 O AUTO: DA FICÇÃO À REALIDADE..... | 15 |
| 3. A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL DO NORDESTE NA OBRA DE JOÃO CABRAL..... | 20 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 22 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 24 |

UMA VISÃO PRECONCEITUOSA SOBRE O NORDESTE SOB ANÁLISE EM MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

AUDILENE DOMINGOS DA SILVA¹

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é apresentar uma discussão de como a literatura nordestina poderia ter certa influência em relação à visão preconceituosa com a qual é vista o Nordeste. Para mostrar como essa literatura poderia influenciar, será tomado como corpus de análise o poema “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto. Através de uma pesquisa sobre esta obra, será visto pontos primordiais que mostrará como o poema citado descreve uma região específica do Nordeste, será visto também sua relação com a realidade, e como esta obra que se expandiu nacionalmente contribui para formar um ponto de vista a respeito da região Nordeste do território brasileiro. Utilizando-se da linha de pesquisa de alguns autores como Durval Muniz de Albuquerque e Antonio Candido.

Palavras-Chave: Literatura Nordestina. Seca. Preconceito geográfico.

¹ Aluna de Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: audhi_lene@hotmail.com

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present a discussion of how the Northeastern literature could have some influence about the prejudiced view with which the Northeast is seen. To show how this literature could influence, will be taken as analysis corpus the poem "Morte e vida Severina" by João Cabral de Melo Neto. Through an inspection about this composition, will be seen primordial points that will show how the mentioned poem describes a specific region of the Northeast, Will also be seen its relation with reality, and how this work that has expanded nationally contributes to form a view about the Northeast region of Brazil.

Keywords: *Northeastern Literature. Arid. Geographic prejudice.*

INTRODUÇÃO

Um assunto bastante conhecido no Brasil é o preconceito ao povo nordestino. Isto é algo que se é discutido há vários anos e em diversas regiões do país. Quem é nordestino e viaja para alguma outra região do Brasil, como por exemplo, para alguma das metrópoles como Rio de Janeiro ou São Paulo, percebe um pouco da visão que os moradores dessas regiões têm sobre o Nordeste. Isso muitas das vezes se dá, devido ao olhar já pré-formado de pessoas que em sua maioria, nunca chegaram a visitar as terras nordestinas.

Neste trabalho, será analisado se a literatura nordestina influencia esta visão preconceituosa, com a qual é vista o nosso Nordeste. Vale ressaltar, que o preconceito ao que se é referido aqui, não é exatamente ao cultural ou linguístico, mas sim ao preconceito geográfico².

A literatura, por sua vez, é uma forma de expressão escrita, pois se trata de reflexos da história e da realidade social de um determinado povo ou lugar, conseguindo representar muitas das vezes os costumes, a cultura, a organização política e social de uma determinada região. E com isso ela traz a possibilidade, se bem analisada, de reconhecer algumas características autênticas de linguagem, cultura, condições socioeconômicas, entre outros, de um povo, de um lugar e de uma época. Dessa forma, tomando como referência a obra *Morte e vida Severina*, do escritor nordestino João Cabral de Melo Neto, será apresentado um questionamento sobre a possibilidade de influência da Literatura nordestina, apresentando uma visão sobre a obra citada, e de que maneira a literatura pode influenciar esta visão de preconceito contra o Nordeste.

² O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço ou de uma região.

1 O MODERNISMO E O REGIONALISMO

O movimento modernista no Brasil se tornou mais intenso a partir da década de 1930, mas seu marco inicial é a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo durante os dias 11 a 18 de fevereiro de 1922. Nela ocorreram apresentações culturais como danças, músicas, recitais de poesias, exposições de obras (pinturas e esculturas) e palestras.

O Modernismo é considerado um movimento de intensas mudanças no âmbito da arte. Os artistas envolvidos propunham inovações estéticas e uma nova forma na produção das artes em geral inspirados na vanguarda europeia.

Dentre algumas das principais características desse novo modelo artístico, tem-se a valorização da identidade e da cultura brasileira; liberdade de expressão; temáticas nacionalistas e predomínio da narrativa regional com a utilização das linguagens coloquial e vulgar.

Na chamada “Geração de 1930”, época em que o movimento modernista ganhou mais intensidade, surgiu uma literatura mais voltada para a realidade social brasileira. Nessa fase se destacou também o regionalismo, mostrando problemas sociais como a seca, a miséria, a migração e as dificuldades enfrentadas pelo trabalhador rural.

Os autores regionalistas queriam representar a vivência de povos de áreas mais remotas do país, através de registros em que a criação literária caminhava junto às denúncias sociais.

1.1 REGIONALISMO NORDESTINO E SUA RETRATAÇÃO DO NORDESTE

No Nordeste, alguns romancistas ficaram conhecidos por utilizarem características que os encaixavam no chamado Regionalismo Nordestino. Na busca de retratar o cenário e o povo nordestino, muitos autores fizeram suas obras com personagens que descrevem e torna em evidência uma região.

Os regionalistas de 1930 utilizaram temas como a seca, pois a questão social é o que prevalece nessa época. O espaço nordestino vai sendo descrito e as problemáticas sociais logo aparecem.

As secas nordestinas fazem parte da história brasileira desde os tempos coloniais. A região há muito tempo sofria com os períodos de longas estiagens. A literatura fazia então, seu considerável papel de expressar através da escrita reflexos da história e da realidade social de um determinado povo ou lugar, como acontece na obra *O Quinze* de Raquel de Queiroz que aborda uma grave seca que atingiu o Nordeste em 1915, também temos em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, obra em destaque desse movimento, onde se tem a pobreza e a miséria sendo relatadas, em *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, mostra a violência como forma de sobrevivência, e em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, que descreve a problemática do retirante que é obrigado a deixar sua terra natal para sobreviver.

1.2 SOBRE A REGIÃO NORDESTE

A Região Nordeste do território brasileiro é composta pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe. Estes estados possuem grande pluralidade cultural, como também distintas características físicas, sociais e econômicas entre si. A Região Nordeste é dividida em quatro sub-regiões: meio-norte, zona da mata, agreste e sertão. Destas aqui citadas, o sertão é a sub-região mais extensa em área territorial, ele está presente em quase todos os estados da região, nele as chuvas são escassas e mal distribuídas.

Na sub-região denominada como sertão, a vegetação típica é a caatinga. A bacia do rio São Francisco é a maior dessa região, sendo a única fonte de água perene para a população que habitam suas margens.

O sertão, por sua vez, é a sub-região mais conhecida nacionalmente, tanto por sua área extensa, como pela falta d'água constante, oriunda do clima de escassez de chuvas, que acaba refletindo diretamente nas atividades econômicas e sociais da população que nele habitam.

1.3 CRONOLOGIA DAS SECAS

No âmbito geográfico um dos aspectos da região Nordeste que mais se destaca nacionalmente é o fenômeno causado pelo período de longa escassez de chuvas, denominado como *seca*.

A possibilidade de ocorrência de estiagens mais prolongadas que o normal são traços marcantes que diferenciam a natureza semiárida nordestina. A seca tem assolado a população nordestina desde o século XV, que foram as primeiras de que se têm notícias.

Nos anos de 1700 várias estiagens atingiram a região, e muitos rebanhos, homens, mulheres e crianças morreram. Já o período conhecido como a “Grande Seca”, teve início em 1877, foram três anos seguidos praticamente sem chover, com rebanhos morrendo aos montes e homens fugindo na tentativa de escapar dessa desolação. Muitos sertanejos morreram a caminho do litoral, a maioria deles crianças, que não tinham como suportar todo o trajeto à pé. Fortaleza³ nessa época ficou conhecida como capital do desespero, tendo um aumento alarmante na população, pois muitos chegaram à Fortaleza na esperança do governo possibilitar a migração para outras províncias, como a do Amazonas, que com o surgimento do ciclo da borracha transformou-se num polo atrativo para as populações rurais do nordeste que tentavam escapar de alguma maneira da destruição da seca.

Há mais de cem anos, no ano de 1915, foi registrada uma das mais terríveis secas que já ocorreram na região nordestina, era um clima de devastação, o desespero do homem com a disseminação progressiva da sede e da fome tornava o cenário assustador, muitos retirantes abandonando seu povoado já quase mortos. Nessa época o governo cearense, na tentativa de impedir a migração para a capital, como estava ocorrendo gradativamente nos períodos de longas estiagens, criou uma espécie de campo de concentração nas margens das grandes cidades, denominado por alguns escritores como “currais humanos”⁴. Segundo o ponto de vista oficial os campos seriam para dar assistência aos flagelados da seca que não tinham trabalho nas frentes de serviço. Os retirantes famintos eram atraídos com a promessa de receberem comida, segurança e assistência médica, mas não

³ Fortaleza, capital do estado do Ceará.

⁴ Os “currais humanos” eram campos de concentração em regiões separadas por arames farpados e vigiadas 24 horas por dia por soldados para confinar as almas nordestinas retirantes castigadas pela seca. Fonte: <http://cronologiadassecas.openbrasil.org/>

encontravam a estrutura prometida e depois de entrarem para o campo eram mantidos presos.

Outro período de longas estiagens ocorreu no ano de 1932. Nessa época para evitar mais uma vez a superlotação de Fortaleza foi implantado novamente os já conhecidos “currais do governo”, dessa vez não apenas em Fortaleza, mas também em outras cidades que possuíam uma estrutura básica e estações de trens. Flagelados ficaram confinados nesses campos, que não ofereciam recursos básicos como alimentação e estrutura sanitária, o que acarretou inúmeras mortes.

Em 1979 a região Nordeste enfrentaria mais uma vez o terror da seca, dessa vez o período de estiagens duraria cinco anos, a mais prolongada e abrangente seca registrada no Nordeste. Ela atingiu toda a região, deixando 3,5 milhões de pessoas mortas entre 1979 e 1984, segundo dados da SUDENE⁵. Os séculos se passaram mais o cenário de seca continua o mesmo. A escassez de chuvas no Nordeste é devido a um fenômeno conhecido como “El niño”⁶ que altera o clima regional provocando regimes de chuvas intensos o que ocasiona essa redução da chuva nessa região.

⁵ SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE (SUDENE) criada pela Lei nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959, foi uma forma de intervenção do Estado no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região.

⁶ “El Niño” é um fenômeno atmosférico-oceânico caracterizado por um aquecimento anormal das águas superficiais no oceano Pacífico Tropical, e que pode afetar o clima regional e global, mudando os padrões de vento a nível mundial, e afetando assim, os regimes de chuva em regiões tropicais e de latitudes médias.

2 MORTE E VIDA SEVERINA: AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO

2.1 O AUTO REJEITADO

Morte e Vida Severina: auto de Natal Pernambucano foi escrito entre 1954 e 1955, e publicado pela primeira vez em 1956. É uma narrativa em versos da viagem que o retirante Severino faz de sua terra – a serra da Costela, nos limites da Paraíba – até Recife. Tendo sido uma obra encomendada por Maria Clara Machado, filha de Aníbal Machado, escritor e amigo do poeta. Maria Clara era diretora do Teatro Tablado, no Rio de Janeiro. Ela havia pedido uma peça para encenar no natal, com isso o poeta aproveitando a oportunidade, procurou retratar o problema dos retirantes em seu auto, e procurou compor seu texto contendo, entre outras, as tradições nordestinas, como também os aspectos geográficos do estado. Entretanto, Maria Clara decidiu não montar o auto *Morte e vida Severina*, pois não achou que fosse um legítimo auto de natal. Assim, o texto acabou sendo publicado primeiramente como poema, fazendo parte do livro “Duas Águas”, como o próprio autor nos fala:

Maria Clara Machado, que dirigia o Tablado, me pediu um auto de Natal, o que não possibilita nenhuma originalidade. Qual é a obsessão de todo nordestino? O problema dos retirantes. (...) A Maria Clara não quis montar o espetáculo. Quando fui publicar Duas águas, poesia completa até 1956, e o livro estava pequeno, resolvi incluir o auto como poema. Tirei as marcações – entra, sai, faz, diz, essa coisa toda. Cada diálogo foi transmarcado com o tracinho, mas não se vê quem o está dizendo. (ATHAYDE, 1998, p. 109).

Podemos perceber que o autor fala sobre seu auto com um tom de descaso, quando revela que o publicou apenas para “engrossar” o livro. Talvez ele desejasse tê-lo revisado, como fazia nas demais obras, pois este era um método de composição de Cabral. Para ele, a poesia era algo que deveria ser bem organizada e planejada, que não apenas a pura inspiração já seria suficiente para a construção de uma boa obra, mas que deveria ser construída através de um planejamento.

Talvez por ser um texto denominado pelo próprio autor, como algo comum na literatura da época, visto que a temática do retirante já teria sido mencionada nas obras de vários outros autores, e também pela linguagem simples com a qual ele foi produzido, pois era algo mais destinado ao povo, provavelmente por isso, ele não achou que o poema iria ser tão propagado, que talvez não o vissem como algo que

fosse digno de tanta atenção. Isso fica claro quando o poeta encontra-se com Vinícius de Moraes, e o mesmo elogia o seu poema.

Quando o livro foi publicado, dei para o Vinícius e ele veio com o maior entusiasmo. Eu então disse: “Olha, Vinícius, eu não escrevi esse livro para você e sim para o público analfabeto. Mas estou vendo que quem gosta do livro são os intelectuais.” (ATHAYDE, 1998, p. 111).

O poeta na construção de seu auto utilizou-se de uma linguagem mais simples, algo que abrangesse o maior número de compreensões possíveis, e procurou retratar um tema que também já era bem conhecido naquela época, que era o caso do retirante que sai de sua terra natal, fugindo da seca e vai em busca de um lugar melhor para se viver. A obra se tornou um sucesso internacional, trazendo ao conhecimento do mundo a história do “Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida”.

Apenas em 1965, “Morte e vida Severina” tornou-se finalmente conhecida como peça teatral. Tendo sido encenada pelo TUCA⁷, com direção de Silnei Siqueira e Roberto Freire; musicalizada por Chico Buarque de Holanda, cenografia e indumentária de Armando Ferrara, e tinha como maestro Zuinglio Faustini. Em 32 espetáculos conseguiu reunir mais de 17.000 espectadores, transformando-se num grande sucesso na época.

2.2 O AUTO: DA FICÇÃO À REALIDADE

Tendo em vista que a literatura é uma forma de representar a vida e as transformações da sociedade, assim como sua situação social, ao ler a obra de João Cabral conheceremos a história de uma vida penuriosa de um nordestino chamado “Severino” que decide deixar sua terra natal em busca de uma vida menos miserável.

Ao utilizar a literatura como fonte histórica de representação de uma época, lugar ou de um determinado povo, sabe-se que a mesma será tratada como um documento a ser lido e interpretado. Sendo assim, ao analisar a obra cabralina, será visto a representação idealizada de uma realidade geográfica.

⁷ Teatro da Universidade Católica (TUCA) - fundado em 1965, é um importante marco cultural para a cidade e para o país. Fonte: <http://www.teatrotuca.com.br/>

Cabral é um autor cuja temática é voltada para as causas sociais, e na composição de suas obras, ele procurou revelar diversos problemas de cunho social, como foi o caso da construção literária baseada na problemática do retirante nordestino:

João Cabral de Melo Neto não foi o primeiro escritor a falar do problema do retirante. A fuga do sertão seco, ensolarado e áspero é façanha histórica no Nordeste e muitos escritores glosaram o tema. Não há nada de novo em *Morte e Vida Severina*, a não ser que foi tratado em verso (ATHAYDE, 2000, p. 59).

Como podemos evidenciar o tema do retirante que busca uma vida melhor, desejando escapar de uma região marcada pelos períodos de longas estiagens, causadores de um estado social de miséria, era algo comum no campo da literatura. Sobre o sofrimento causado pelas intensas secas existentes na Região Nordeste, outros autores também realizaram seus estudos e construíram suas obras abordando temas que envolvem algumas realidades nordestinas, alguns destes autores foram: Graciliano Ramos, na obra *Vidas Secas*, que trás a história do retirante Fabiano que foge do sertão; Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, retrata a resistência do homem sertanejo; Raquel de Queiroz, na obra *O Quinze* aborda uma intensa seca que ocorreu em 1915 no Nordeste.

[...] a literatura de cada região do Brasil, e a do Nordeste era formada, em sua maioria, por escritores sociais. Não poderia ser de outra forma, porque se o Nordeste é a região mais pobre do país, é natural a preocupação do escritor da região com a sua realidade.[...] (ATHAYDE, 1998, p. 108)

Há uma grande quantidade de gêneros textuais existentes, mas dentre eles o texto literário é visto com mais importância para alguns pesquisadores, por oferecer certa influência aos seus leitores, podendo contribuir para a formação do homem. Para Antonio Candido, em seu ensaio clássico “A literatura e a formação do homem”, a principal função da literatura diz respeito ao seu caráter humanizador: exprime o homem e depois atua na sua própria formação. Em seu ensaio, Antonio Candido mostra como as criações ficcionais podem influenciar na personalidade do leitor, e nele defende o caráter humanizador da literatura, mas também explica através deste, que os textos literários não são puramente fictícios, mas possuem um vínculo com a realidade, segundo o crítico, isso

Serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo sub-consciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. (CANDIDO, 1972, p.805).

As criações literárias de alguns autores em sua maioria é uma forma de representar e compartilhar os sentimentos e criações ficcionais do imaginário, expressando-o para o mundo exterior. Mas tantos outros autores se apegam a representação do real em suas obras. Procurando argumentações para confirmar a representação do real nas produções literárias, Antonio Candido diz: “[...] vejamos um único exemplo de relação das obras literárias com a realidade concreta: o regionalismo brasileiro, que por definição é cheio de realidade documentária (CANDIDO, 1972, p. 86). Antonio Candido aborda a função da literatura enquanto representação do real, podendo ser utilizada para o estudo da identidade regional através dos diversos temas e linguagens. O poema de João Cabral pode ser considerado como uma obra do chamado “Regionalismo nordestino”, descrevendo aspectos da região geográfica de onde se passa a história e se inspirando num problema real do sertão nordestino daquela época. Dessa forma, João Cabral de Melo Neto vale-se da realidade nordestina e, tenta representá-la em seu poema “ O poema é o material de qualquer nordestino, é a reflexão sobre uma realidade, sem outro compromisso que não seja com a verdade.”(ATHAYDE, 1998, p. 108) Durval Muniz de Albuquerque afirma que “A linguagem para Cabral, deve imitar e não encobrir a realidade” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 282).

Em *Morte e Vida Severina* é através da narrativa da viagem do então personagem Severino, que o autor procura retratar as dificuldades enfrentadas por quem vive numa das áreas mais secas do Nordeste. Severino é um retirante que deixou o lugar onde nasceu, e segue em busca de uma vida mais digna, como descreve o trecho a seguir:

Para o mar vou descendo
Por essa estrada da ribeira.
A terra vou deixando
De minha infância primeira.
Vou deixando uma terra
Reduzida à sua areia,
Terra onde as coisas vivem
A natureza da pedra. (MELO NETO, 2007, p. 21)

Em sua trajetória, Severino descreve características dos locais por onde passa, e através de sua descrição, vemos a extensão dos locais de escassez hídrica das regiões descritas, e a asserção da seca vai sendo apresentada ao longo de seu caminho.

Os rios que eu encontro
Vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,
Em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
Que faz secar todos os rios. (MELO NETO, 2007, p. 22)

A descrição de uma paisagem enxuta vai sendo exposta no decorrer da história, e a indicação da intensidade da seca assim vai sendo reafirmada. Durante o seu percurso, Severino descreve o que encontra em sua caminhada, e também os aspectos geográficos dos lugares por onde passa. Ele se depara várias vezes com a morte. Mas apesar de tantas dificuldades encontradas no caminho, consegue chegar ao seu destino.

Na obra ele descreve muitos aspectos da região, mostrando uma realidade de intenso sofrimento causado pelo excesso de estiagens e de miséria, consequência inevitável da seca. Para Durval Muniz “a forma de composição de Cabral partirá desta imagem do Nordeste, do seco, do deserto.” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 282)

A produção cabralina é considerada uma obra com intensa expressividade em suas palavras. O autor considera importante que a construção da linguagem apresente aspectos da realidade, e nessa aproximação do real trás em sua produção poética uma linguagem simples e vulgar, partindo do material popular, ele utiliza-o na construção de seu próprio discurso, trazendo uma nova forma de apresentar a realidade. A construção, embora simples, apresenta uma visibilidade detalhista sobre o Nordeste, com um olhar voltado em cortes significativos da realidade, que atrai a atenção do leitor para o sofrimento dos personagens presentes na obra. Durval Muniz diz que:

O uso constante de imagens que remetem ao choque, à penetração, liga-se a este objeto de penetrar o âmago do real e revela-lo, para isso usa seus versos com o corte de faca, com o furar da agulha, com o ferir da bala e com o morder do dente. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 290)

O narrador ao contar a história utiliza uma linguagem simples, porém com bastante expressividade emocional. O leitor de *Morte e Vida Severina* encontra uma história marcada por um sofrimento exaustivo de um personagem que se propôs a sair de sua terra natal, e em sua viagem até Recife se depara várias vezes com a morte, se demonstra resistente e consegue chegar ao seu destino final. Através desta obra o universo sofrido do homem sertanejo pode ser conhecido nacionalmente, oferecendo ao leitor a oportunidade de vivenciar imagetivamente a experiência vivida pelo personagem Severino. Antonio Candido explica:

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste mesmo modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 1972, p. 92)

Cabral utiliza em seus versos, palavras que apesar de formarem um linguajar simples, mas que em sua construção representam sentindo impactantes, descrevendo a seca, a miséria e a morte. Para Cândido, sobre a expressividade poética de Cabral, ele diz: “[...] ninguém elaborou expressão poética mais revoltada e pungente para expor a miséria, o destino esmagado do homem pobre, no caso o do Nordeste” (DANTAS, 2002, p. 169).

3 A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL DO NORDESTE NA OBRA DE JOÃO CABRAL

As diversas artes que tratam do Nordeste como temática, tornaram-se monumentos que traz ao imaginário das pessoas várias visões estereotipadas sobre essa região. Em *Morte e Vida Severina*, tem-se uma construção, onde o próprio texto revela ser um cenário “De onde tudo fugia, onde só pedra é que ficava.” (MELO NETO, 2007, p. 20). No poema há uma descrição geográfica de um lugar de penúria e sofrimento, que vai sendo constantemente reafirmada ao longo da obra. Essa forma de descrição do Nordeste brasileiro utilizada por Cabral, contribui na composição da chamada *nordestinização*. Existem vários estereótipos cristalizados sobre o Nordeste e o ser nordestino, para Albuquerque Júnior [...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 312). Ao se falar na região Nordeste ou mesmo em nordestinos, muitas pessoas logo associam a palavra a uma imagem homogeneizada de atraso, de dor e miséria.

Cabral se propunha a criar o cenário de tristeza da seca e suas consequências, como por exemplo, a partida dessa região sofrida. Durval Muniz diz:

Ele agencia em grande parte o mesmo feixe de imagens presentes no tradicional discurso da seca, reforçando a visão de que a caatinga nordestina é um deserto, que não produz nada, onde só reina a violência, a bala voando desocupada e a morte, único roçado que vale a pena cultivar. Suas imagens são compostas por figuras que possuem sempre um denominador comum: a miséria, a míngua, o vazio de coisas e de homens. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 292)

Para Durval, as imagens construídas do Nordeste por Cabral, acabam reforçando o tradicional discurso da seca, suscitando um Nordeste esfomeado, miserável e sem condições de se sobreviver.

Na obra em análise, temos intitulado na capa: “Morte e vida severina”. A palavra feminina “severina” representa a miséria, a fome, as doenças, a violência, funcionando como um adjetivo no título da obra. Já a palavra masculina “Severino”, nome dado ao protagonista do poema, designa mais precisamente as pessoas que vivem uma vida severina. E conforme se pode ver no trecho:

Somos muitos Severinos
Iguais em tudo na vida:
Na mesma cabeça grande
Que a custo é que se equilibra,
No mesmo ventre crescido
Sobre as mesmas pernas finas,
E iguais também porque o sangue
Que usamos tem pouca tinta. (MELO NETO, 2007, p. 92)

Quando o autor utiliza a primeira pessoa do plural na construção de seu poema, pode-se sugerir que ele procura representar várias pessoas através do nome “Severino”. Que seriam pessoas que possuem as mesmas condições socioeconômicas e que enfrentariam as mesmas dificuldades para conseguir sobreviver. Através dessa representação descrita na obra, observa-se que o protagonista “Severino” não é o único que viveria nessas condições, mas ele descreve “Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida”, portanto subentende-se que há uma grande quantidade de pessoas que passavam pela mesma situação.

João Cabral propõe uma reflexão sobre uma realidade, e apesar de toda estrutura poética, procura ter um compromisso com a verdade. Buscou representar algumas tradições nordestinas, pesquisou sobre o folclore pernambucano e procurou expressá-los em sua composição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns motivos instigam o levantar deste questionamento sobre a visão estereotipada sobre o Nordeste brasileiro. Ao pensar a literatura como meio de representação do real e também como um material que circula nacionalmente, este trabalho procurou discutir elementos em direção a uma compreensão sobre a parcela que a literatura nordestina concede na criação da visão de um Nordeste seco, miserável e violento. Em *Morte e vida Severina*, há uma clara descrição sobre aspectos geográficos que não ofereciam condições favoráveis de se viver. E é com um contínuo relato de uma trajetória de intenso sofrimento que o poema é composto.

Como o tema da fome, da miséria e da morte são assuntos impactantes, algo que gera uma comoção no ser humano, conclui-se ser esse um dos possíveis motivos da obra de João Cabral ter se difundido tanto. Através de uma linguagem simples, mas de uma estética rica e peculiar, vemos a problemática da fome sendo descrita de tal maneira a gerar uma emoção profunda ao perceber que a narrativa traz uma verossimilhança com a realidade. E é essa verossimilhança que faz pensar nesse papel da literatura, enquanto descrição do real, e como colaboradora de conceitos que acabam por generalizar todo o Nordeste como um lugar seco e miserável.

O sertão e o sofrimento do povo nordestino foram cenários de várias obras literárias de diversas épocas. Foi construído um conjunto de obras, que possuem em comum a naturalidade regional de seus autores e a forma com a qual descrevem o Nordeste, muitas se tornaram peças teatrais e até mesmo produções cinematográficas. E dessas construções muitas delas ficaram conhecidas nacionalmente, de forma que os personagens serão, em sua maioria, pessoas atrasadas, sem educação e sem instrução alguma, o que favorece uma caracterização arbitrária do Nordeste e do ser nordestino. Diante disso, é possível refletir sobre o molde nordestino que já repercutiu durante vários anos e se estende até os dias de hoje. Interessante ressaltar que havendo esta quantidade significativa de obras literárias glosando sobre um mesmo tema, com autores que em suas épocas se propuseram a expressar em autos, romances, poemas e versos os problemas sociais particulares de uma região, em busca de uma representação identitária regional, porém evidenciando assim, um discurso literário que prevalece

na maioria dos autores, neste caso, o discurso da seca, que por fim, contribui para uma espécie de confirmação dos fatos apresentados nas obras.

Partindo do pressuposto de que a literatura é uma forma de descrever o real, mas com características literárias, sabe-se que, se um indivíduo de qualquer outra região do Brasil ter acesso e fazer a leitura desta obra, poderá ter uma ideia generalizada e preconceituosa do Nordeste. Então esse indivíduo teria uma visão errônea do todo da Região. Não imaginaria que nem toda essa região é igual, que possui uma grande diversidade geográfica e social. *Morte e vida severina* é um livro que pelo título pode-se supor que não seria uma história que contivesse o tradicional “final feliz”. E ao ser feita a leitura constata-se que realmente é uma história de dor e sofrimento, causados pela seca e suas consequências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ATHAYDE, Félix de. **A viagem, ou, itinerário intelectual que fez João Cabral de Melo Neto do racionalismo ao materialismo dialético**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

ATHAYDE, Félix de. **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN, 1998.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DANTAS, Vinicius. **Bibliografia de Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.